



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

BEATRIZ BULHÕES DE SOUSA SANTA INÊS

**PODSAIR?
UM PODCAST SOBRE AS MUDANÇAS NA ROTINA DE QUEM FICOU EM
CASA DURANTE A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS**

**SALVADOR
2021**

BEATRIZ BULHÕES DE SOUSA SANTA INÊS**PODSAIR?**

UM PODCAST SOBRE AS MUDANÇAS NA ROTINA DE QUEM FICOU EM CASA
DURANTE A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Memória descritiva do podcast PodSair?,
apresentado como requisito final para a
conclusão do curso de graduação em
Comunicação Social – Habilitação em
Jornalismo, pela Faculdade de Comunicação
da Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lucineide
Andrade Fontes

SALVADOR

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro ao meu pai, que provavelmente foi quem deu o pontapé inicial na minha carreira como jornalista. Quando eu fazia algo de errado, ele me colocava de castigo e eu tinha que ficar sentada assistindo ao Jornal Nacional. Em algum momento da infância, acabei transformando o castigo em algo que eu gostava.

A minha mãe ajudou a incentivar o meu amor pelas palavras: todas as vezes que ela viajava, mesmo que fosse para uma cidade próxima, me trazia livros. Também não posso esquecer do meu irmão, Fred, e minha cunhada, Isabela, cuja casa era o meu local preferido para pegar livros novos emprestados. Prometo fazer o mesmo para minhas sobrinhas, Júlia e Laura.

Preciso agradecer ainda à minha irmã, Camila, e à minha segunda mãe, Vera, que ouviam rádio todas as manhãs. Por causa delas, eu comecei a telefonar para a emissora local todos os dias e, com isso, passei a receber convites para participar dos programas. Graças a elas, acabei me tornando locutora mirim da cidade, sem nem supor que aquela brincadeira, um dia, poderia se tornar uma profissão.

Cito ainda minha orientadora, Malu Fontes, que não apenas apoiou minha ideia inicial de escrever um livro-reportagem como também me indicou uma luz quando tudo deu errado. Sem ela, eu provavelmente teria desistido de apresentar algo nesse semestre.

Por último, mas nunca menos importante, agradeço a Deus por ter me dado sabedoria e forças para chegar até aqui. Sei que em toda a minha jornada, Maria passou na frente e abriu meus caminhos.

Agradeço também a todos aqueles que me ajudaram nessa fase final, me sugerindo fontes e temas para esse projeto, ou apenas servindo de ombro em minhas crises de ansiedade, quando achava que nada ia dar certo. Mais uma vez, meu muito obrigada

RESUMO

Esta memória descreve o projeto PodSair?, uma série de podcasts formada por seis episódios que relatam o cotidiano de pessoas que alteraram suas rotinas para ficarem em casa durante a pandemia da COVID-19, entre os anos de 2020 e 2021. Os episódios são definidos pelos temas: gravidez e nascimento na pandemia; crianças e a falta de aulas; profissionais de saúde e a solidão; idosos; e um memorial aos mortos pela doença no Brasil. Foram entrevistadas 14 pessoas, de variadas faixas etárias e classes sociais, sempre falando de comportamentos e das mudanças no estilo de vida para se adequar à uma pandemia mundial, algo nunca vivido pela maioria dos brasileiros. Além do conteúdo jornalístico, utilizei músicas e contei com o apoio visual do perfil @ouca.podsair no Instagram. Esse documento foi apresentado como componente do Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Comunicação (Facom) da Universidade Federal da Bahia (Ufba).

Palavras chaves: pandemia, COVID-19, coronavírus, podcast, comportamento, isolamento

ABSTRACT

This memory description is related to the project PodSair?, a podcast series formed by six episodes that tell the story of people who stayed at home during the COVID-19 pandemic, happened between the years 2020 and 2021. These episodes were defined by themes: pregnancy and delivery during the pandemic; children and the no-classes situation; the loneliness of health professionals; senior's life; and a memorial to those who've been killed by this disease in Brazil. Fourteen people were interviewed, from different age groups and social levels, talking about their adapted behavior and lifestyle because of the most intense pandemic experienced by Brazilians so far. In addition to the journalistic content, I used music and had the visual support of the @ouca.podsair profile on instagram. This document was presented as a component of the course conclusion paper in Social Communication - Qualification in Journalism, for the Faculdade de Communication (Facom) of the Universidade Federal of Bahia (Ufba).

Key word: pandemic, COVID-19, coronavirus, podcast, behavior, isolation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
JUSTIFICATIVA	8
2.1 - Tema	8
2.2 - Formato	9
PRODUÇÃO	11
3.1 - Pré-produção	12
3.2 - Episódio 1 - Na minha casa ou na sua?	12
3.3 - Episódio 2 - Eu quero a minha mãe	13
3.3.1 - Nivia Novais, 34 anos, atendente de um posto de saúde; Amilck Paixão, 37 anos, técnico de laboratório; e o pequeno João Guilherme	14
3.3.2 - Jamile Oliveira, 33 anos, bancária	14
3.3.2 - Marta Santos, 36 anos, coordenadora do setor de transportes da Secretaria de Saúde de Mutuípe	15
3.4 - Episódio 3 - Tirem as crianças da sala	15
3.4.1 - Maria Baylão, quatro anos	15
3.4.2 - Laura Ramos, oito anos	16
3.4.3 - Júlia Ramos, 12 anos	16
3.4.4 - Leandra Marinho, 13 anos	17
3.4.5 - Maria Fernanda Neri, 15 anos	17
3.4.6 - Maria Fernanda Assunção, 17 anos	18
3.5 - Episódio 4 - Saúde é o que interessa, o resto não tem pressa	18
3.5.1 - Jucélia Almeida, 29 anos, farmacêutica; e Amanda Almeida, 21 anos, estudante de odontologia	19
3.5.2 - Karina Grimaldi, 33 anos, enfermeira; e Iasmin Grimaldi, cinco anos	20
3.6 - Episódio 5 - No meu tempo é que era bom	20
3.6.1 - Lucidalva Teixeira, 73 anos, psicóloga aposentada	21
3.6.2 - José Ramos, 75 anos, empresário aposentado, e Isabel Ramos, 74 anos, dona de casa	22
3.6.3 - Osvaldo Melo, 67 anos, fazendeiro aposentado	22
3.7 - Episódio 6 - Adeus	23
3.8 - Pós produção	24
ORÇAMENTO	25
TRAJETÓRIA PESSOAL	26
5.1 Decisão	26
5.2 Dificuldades	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

Permitam-me ser sincera: esse projeto nasceu do desespero. Faltando apenas cerca de dois meses para a entrega do produto final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a pesquisa foi inviabilizada pois passei a receber ameaças de processos judiciais. Foi cerca de um ano e meio de escrita jogados fora, sob o risco de me indispor com uma acusada de assassinar o próprio filho.

Como se isso não bastasse, estávamos no meio de uma pandemia que voltava a tomar força, batendo recorde de mortes e nos obrigando, cada vez mais, a ficar em casa e reduzir ao máximo qualquer contato com o mundo exterior. Pra completar, eu, na tentativa de ficar mais próxima da minha família e reduzir gastos neste período de crise, decidi me mudar de Salvador para minha cidade natal, Mutuípe, a cerca de 250 quilômetros de Salvador, de onde eu tinha partido há 10 anos. Ou seja, além do isolamento social, a mudança de endereço ainda deixava tudo fisicamente mais difícil.

Por fim, entre diversas crises de ansiedade, percebi o óbvio: se o que me fez fazer jornalismo foi a paixão por contar histórias, com a produção do TCC não poderia ser diferente. Como minha vida e a de todos que conhecia mudou por conta da pandemia, não me faltavam histórias de amigos, parentes e conhecidos que resignificaram seu modo de viver (ou sobreviver) nesse período. Além disso, voltar a morar no interior depois de tanto tempo me fez resgatar velhos costumes adormecidos, como o hábito de ouvir rádio - principal meio de notícias local, perdendo, talvez, apenas para os grupos de Whatsapp. Unir a força do rádio e da internet, criando um podcast, pareceu até uma homenagem ao lugar onde cresci.

Foi nesse período, também, que o tema foi definido: sobre o que eu conseguiria que as pessoas falassem naquele momento, senão do coronavírus, que atrapalhava a vida de todos, seja no interior ou na capital? Assim que divulguei aos parentes e amigos a minha proposta, surgiram diversas pessoas querendo contar o que viveram e como viveram nesse período. A lógica é simples: isolados, todos

queriam conversar, ter contato com alguém. Com maior prazo, certamente lançaria uma segunda temporada e talvez uma terceira.

Faço aqui um adendo: houve desespero, e muito, mas apenas nas primeiras semanas. Pouco depois, ao ver que, apesar do tempo curto, a ideia era viável, fiquei apaixonada pelo projeto. Começando pelo trocadilho no nome do podcast até o produto final, passando por todos os entrevistados, a seleção musical e a criação do perfil no Instagram.

Essa é uma memória do podcast PodSair?, uma proposta de Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo na Universidade Federal da Bahia. O estudo é composto por entrevistas e relatos de quem obedeceu às regras de isolamento da Organização Mundial da Saúde (OMS) e ficou em casa durante a maior parte do ano de 2020 e iniciava 2021 sem grandes perspectivas de melhoras. Aqui, narrarei as ideias para cada episódio, os bastidores, as agonias e os percalços, mas também as risadas e os fatos inusitados.

A proposta do PodSair? é falar desse período conturbado sem abordar apenas a tragédia que fez milhares de brasileiros perderem a vida, até porque os números já estavam estampados em todos os jornais, mas dos pequenos desafios vencidos para se adaptar à nova realidade, também chamada de “novo normal”. Embora o tema seja a COVID-19, a ideia é compartilhar experiências do cotidiano de um grupo de pessoas diante das adversidades, em situações que foram comuns a todos durante o isolamento, e como elas fizeram para amenizar seus sofrimentos. Por ser um podcast, o conteúdo pode ser ouvido gratuitamente por qualquer um que esteja curioso pelos relatos, seja por vivenciar a mesma situação ou em um futuro sem isolamento. Além disso, se trata de uma obra procedural, ou seja, os episódios não precisam ser escutados na sequência de publicação para que sejam compreendidos.

2. JUSTIFICATIVA

2.1 - Tema

A ideia para esse podcast surgiu, oficialmente, em um domingo, no dia 21 de fevereiro de 2021. Não há como falar do projeto sem citar o contexto

histórico-temporal: esse havia sido o primeiro final de semana com toque de recolher instaurado pelo governador da Bahia, Rui Costa. Desde o ano anterior, 2020, todo o globo terrestre havia se deparado com um vírus mortal, o Sars-Cov-2, também chamado de novo coronavírus, causador da COVID-19. Enquanto me esforçava na escolha de um tema de estudo, o assunto mais comentado era a segunda onda da pandemia, pois os índices diários casos novos e óbitos havia diminuído no final de 2020 e levado a crer que, em 2021, seria possível retormarmos a vida pré-pandemia, ainda que com diversos cuidados.

Diversos cientistas alertaram para uma iminente segunda onda de contágio, mais forte que a primeira, porém a população teimava em não acreditar nas previsões. O que se percebia no Brasil, principalmente entre novembro e janeiro, era uma sensação de que a ameaça havia sido neutralizada e não haveria motivos para voltar aos cuidados iniciais, com comércio fechado, atividades de lazer e esporte proibidas e isolamento social rígido. Com o tempo, porém, o cenário foi se revelando ainda pior que da primeira vez, batendo todos os recordes negativos do início da pandemia. Até o dia 30 de abril de 2021, mais de 390 mil brasileiros perderam a vida em decorrência da da COVID-19, segundo boletins divulgados pelo Ministério da Saúde. O número de infectados ultrapassa 11 milhões. Contando todos os países, segundo o levantamento da universidade John Hopkins, dos Estados Unidos, já são mais de 123 milhões de infectados, sendo que 2,8 milhões não resistiram à doença¹.

Devido à proximidade do meu objeto de estudo - a pandemia do novo coronavírus - com o tempo histórico, visto que escrevo ao mesmo tempo em que a pandemia acontece, há pouca bibliografia acerca deste tema em relação ao jornalismo. O Brasil nunca havia passado por um surto desta magnitude de nenhuma outra doença, mesmo durante as epidemias de gripe espanhola, suína e aviária, quebrando, agora, todos os recordes negativos e sendo destaque no cenário mundial.

2.2 - Formato

O formato de podcast é novo, embora já esteja consolidado no mercado, e há uma tendência de aumento no número de ouvintes. Explicando de maneira simples, se trata da junção dos programas de rádio somados à capilaridade da internet,

¹ Dados de 27 de abril de 2020.

transmitindo os áudios e possibilitando que fossem ouvidos por pessoas em qualquer lugar do mundo.

Segundo Assis e Luiz (2010), diversas formas de ouvir produtos oriundos do rádio já são disponibilizadas na internet há algum tempo, mas era necessário que o ouvinte fizesse o download de cada programa e o ouvisse separadamente na plataforma de música escolhida. A criação do podcast tal qual o conhecemos se deu em 2004, quando o feed RSS (Really Simple Syndication), já utilizado em blogs, passou a ser utilizado também para os programas de áudio, possibilitando ao interessado que as atualizações daquele conteúdo fossem enviadas até ele - sem a necessidade de baixar em seu computador ou de ir sempre até o site.

“Na prática, para os podcasts funciona da seguinte maneira: durante intervalos predefinidos, um programa agregador procura arquivos de podcasts nos feeds presentes em cada RSS cadastrado. Após encontrar um podcast novo, esse software pode copiá-lo para o computador ou diretamente para um dispositivo (player) portátil. Uma vez armazenado, pode-se ouvir o podcast, onde e quando se desejar”(Assis e Luiz, 2010, p. 7)

Com essa aquisição, deu-se a esses programas o nome de “podcasting”, uma junção entre o “Ipod”, o maior tocador de áudio da época, produzido pela Apple, e “broadcasting”, popularmente traduzido como radiotransmissão.

O Digital Minds é considerado o primeiro podcast do Brasil, feito em 20 de outubro de 2004, pelos autores de um blog com o mesmo nome, por ter sido pioneiro no uso do feed RSS. Ainda segundo Assis e Luiz, o país teve uma queda de produção em 2005 e 2006, voltando ao crescimento apenas em 2008.

Em 2020, segundo uma pesquisa Kantar Ibope, encomendada pela Rede Globo, 28 milhões de brasileiros com mais de 16 anos apontaram o hábito de ouvir podcasts em suas rotinas. O número representa um aumento de 33% em relação ao ano anterior, 2019, quando a pesquisa identificou 21 milhões de ouvintes habituais.

Isto posto, a ideia de abordar o tema (coronavírus) em um podcast pareceu uma junção totalmente adequada. O podcast permite temas mais pessoais e se apresentou como uma possibilidade de trazer a informação com a leveza que eu pretendia; “Encontramos, ao invés, uma enorme proximidade que resulta de dois aspetos: da relação estabelecida entre o locutor e o ouvinte e, sobretudo, do foco nas narrativas pessoais não ficcionais” (Santos e Peixinho, 2019, p. 5).

3. PRODUÇÃO

Toda a produção do podcast, desde a concepção dos episódios, escolha dos entrevistados, definição dos episódios, localizações, edição e divulgação foi feita exclusivamente por mim, com apoio emocional de diversos amigos.

Como relatei anteriormente, havia pouco tempo para a execução da ideia e, por isso, pedi a amigos e parentes que contassem suas histórias em relação a esse período e também de seus amigos e parentes. Depois disso, entretanto, não haveria como pedir mais ajuda, pois grande parte deles e dos entrevistados nem sequer conhecia o formato de podcast até que eu os apresentasse. Destaco também que, devido ao curto prazo, não houve um período para pré-produção, seguido de produção e pós-produção: todas as fases aconteciam ao mesmo tempo. Posso citar, por exemplo, que enquanto editava o episódio final, ainda não havia entrevistado ninguém para o segundo episódio.

Eu priorizei entrevistar todos os que aceitaram narrar suas histórias ao podcast de forma presencial, para tentar manter uma maior qualidade do áudio, sempre com uso de máscaras e em uma distância aceitável. Por isso, esquematizar toda a viabilização destas entrevistas, a exemplo do local onde fazê-las em períodos de isolamento social, ou quando fazê-las, alternando entre toques de recolher, merecem destaque neste memorial. A impossibilidade de espaço e/ou tempo para entrevista já reduziu o leque de entrevistados, com algumas das entrevistas precisando serem feitas pelo telefone, pois a narrativa era boa demais para não ser ouvida - ainda que houvesse prejuízo na qualidade do áudio.

Após as entrevistas, tratei de agrupá-las por temas. Diversas outras opções apareceram (por exemplo, a questão da economia, com o comércio fechado e desemprego aumentando; a saúde mental, especialmente a depressão e a ansiedade; e a vida amorosa, de quem se casou, se separou ou se conheceu na pandemia) e, mesmo sabendo da importância e relevância de explicitar algumas questões, acabei optando por temas mais brandos. Por fim, decidi dividir com base no perfil dos entrevistados: as famílias, as crianças, aqueles que ficaram sozinhos e os idosos - depois, adicionei o episódio final, uma homenagem aos mortos.

3.1 - Pré-produção

Após a definição do tema e do formato, surgiu a primeira questão básica: qual será o nome? Após uma série de brainstorms em grupos de Whatsapp seguidos de enquetes na ferramenta “melhores amigos” do Instagram, foi decidido o PodSair?. A ideia era juntar o ‘pod’, de podcast, com a pergunta que todos os que estavam em isolamento não paravam de se fazer, sobre quando sairiam de casa - destaque para a interrogação, pois, até a finalização deste memorial, ninguém tinha ideia.

O formato principal adotado para a construção de cada episódio, com exceção do primeiro, foram as entrevistas. A ideia inicial era colocar pelo menos três personagens por tema, que trouxessem histórias diferentes sobre o mesmo problema. Depois, percebi que algumas entrevistas ficariam longas demais e, ao diminuí-las, partes importantes seriam perdidas.

Defini que o tempo médio de cada episódio deveria ficar entre 10 e 15 minutos, o que fez surgir uma nova preocupação: tornar o produto chato. Não gostaria que apenas minha voz aparecesse o tempo todo, especialmente no episódio 1, pois não haveriam entrevistas. Aqui, optei por sempre ter a mão uma seleção musical, colocando músicas divertidas e conhecidas do público, para quebrar a monotonia.

Ainda no tema musical, foi a partir de um vídeo compartilhado por uma amiga que surgiu a abertura do PodSair?. Trata-se de um remix de uma fala da vilã Nazaré Tedesco, personagem de Renata Sorrah na novela Senhora do Destino (2004), da Rede Globo de Televisão, na qual ela parece estar desesperada para sair de casa e “bater perna”, gíria para passear pela rua sem destino ou missão. O áudio foi retirado do youtube e o criador da versão eletrônica intitula-se como Átila KW.

3.2 - Episódio 1 - Na minha casa ou na sua?

Este episódio se baseia em um lead das matérias jornalísticas, nome dado a estrutura do primeiro parágrafo que introduz as informações. Nesta lógica, apresento o podcast e o tema, além de trazer dados concretos sobre a pandemia. Para isso, citei a cronologia da COVID-19 no Brasil desde o primeiro caso até o cenário atual e illustrei com dados oficiais sobre o isolamento, já que o PodSair? sempre foi um projeto voltado mais as pessoas que ficaram em casa do que com a pandemia em

si. Optei por iniciar com a brincadeira da pergunta “Quem você levaria para uma ilha deserta?”, para ilustrar que tivemos que nos isolar sem escolha.

O principal desafio para iniciar esse podcast era falar de forma clara os dados mais complexos, como o índice de isolamento calculado pela Pesquisa Nacional de Domicílios (PNAD) em relação à COVID-19, calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Era uma sucessão de números, todos na casa dos milhões, ainda com direito a vírgulas. Tentei encaixá-los com músicas divertidas, como “Cada um no seu quadrado”, de Iran Costa, para que o ouvinte pudesse relaxar e continuasse reproduzindo o podcast.

Outro problema que encontrei foi relacionado às datas, pois parte das medidas tomadas para conter o avanço do novo coronavírus, como decretos governamentais, foi criada à medida que as situações surgiram. Porém, tempos depois, com pesquisas mais aprofundadas, foram descobertas, por exemplo, ocorrências anteriores à que teria acometido o primeiro paciente da COVID-19 no Brasil. Não faria sentido citar apenas um deles como o primeiro caso, pois pecaria de trazer uma informação defasada ou não conseguiria esclarecer o hiato entre as descobertas anteriores e as medidas tomadas. Além disso, me preocupei em apresentar apenas o que já fora comprovado, visto que ainda há pesquisas que indicam, por exemplo, uma suposta pessoa infectada em janeiro de 2020, em Minas Gerais, um mês antes do paciente número zero.

Nesse episódio, foram utilizadas as músicas “Eu Já Peguei Coisa Pior”, escrita e cantada por Thierry; “A Casa É Sua”, criada por Arnaldo Antunes e Ortinho, interpretada por Arnaldo Antunes; e “O Dia em que a Terra Parou”, escrita por Cláudio Roberto e Raul Seixas, interpretada na voz de Raul Seixas; além da já citada “Cada um no Seu Quadrado”. Utilizei, ainda, a versão remix de um vídeo publicado pela cantora americana Cardi B em seu instagram sobre o coronavírus. Essa versão, que utiliza a fala da cantora adicionando o ritmo brega funk, foi colocada no Youtube por alguém que se identifica como Fziro.

3.3 - Episódio 2 - Eu quero a minha mãe

A ideia principal deste episódio é falar sobre o nervosismo dos pais cujos filhos nasceram durante a pandemia ou que estavam próximos à data prevista para o nascimento. Esse período já costuma ser repleto de medos e ansiedades para

todos os pais e as mães e, com o adicional do risco de contrair coronavírus, tende a ser ainda mais preocupante para a saúde da mãe e do bebê.

Para isso, foram usadas as músicas “A Grande Família”, composta por Dito e Tom, cantada por Dudu Nobre; e “Como Nosso Pais”, composta por Belchior e cantada por Elis Regina.

3.3.1 - Nivia Novais, 34 anos, atendente de um posto de saúde; Amilck Paixão, 37 anos, técnico de laboratório; e o pequeno João Guilherme

A entrevista foi realizada na residência do casal e durou apenas oito minutos, nos quais eu permaneci de máscara e eles se sentiram à vontade para retirar a proteção facial. Casados há cinco anos, tiveram João Guilherme no dia 18 de outubro de 2020, algumas semanas antes do previsto. No dia em que foi realizada a entrevista, João tinha cinco meses.

O casal informou que o bebê estranhava ver alguém usando máscara, inclusive os pais, que retiravam o equipamento de proteção assim que chegavam em casa para não assustar o filho. Eles me relataram ainda que diversos amigos do casal não ainda conheciam a criança, já que estavam evitando a presença de muitas pessoas na residência.

3.3.2 - Jamile Oliveira, 33 anos, bancária

Como Jamile Oliveira estava infectada com o Sars-Cov-2, a entrevista teve de ser feita pelo telefone. A conversa foi rápida, durando cerca de 10 minutos.

Na época da entrevista, Jamile estava grávida de três meses e ainda não sabia o sexo ou o nome de bebê. A gravidez foi planejada, considerando que a bancária e o marido, Luis Dantas, já haviam contraído a COVID-19, em outubro de 2020, mas Jamile acabou se reinfectando em março de 2021, cerca de uma semana após descobrir que estava grávida. Na primeira vez que foi acometida pelo vírus, sentiu febre e tosse, mas na segunda vez esteve assintomática.

A futura mãe mencionou os medos em relação à doença interferir de alguma forma na gravidez e as incertezas sobre seu parto, além de preocupações acerca de seu filho mais velho, Lucas, de dois anos.

3.3.2 - Marta Santos, 36 anos, coordenadora do setor de transportes da Secretaria de Saúde de Mutuípe

Marta Santos estava, à época da entrevista, com sete meses de gravidez. A entrevista também foi realizada pelo telefone, pois ela havia mantido contato com um colega de trabalho que apresentou sintomas de COVID-19.

Como funcionária do setor de saúde, Marta seguiu trabalhando, embora a maioria das gestantes funcionárias públicas tivesse se afastado. Entre suas atribuições, estava a checagem das ambulâncias e o auxílio na regularização dos pacientes para outros locais.

Com a proximidade do parto, marcado para a primeira semana de maio de 2021, ela temia se infectar no hospital.

3.4 - Episódio 3 - Tirem as crianças da sala

As aulas foram suspensas, na Bahia, em 18 de março de 2020. Depois de um tempo sem aulas, alguns alunos retomaram as aulas de forma remota ou respondendo às atividades disponibilizadas pelos professores. Até março de 2021, as aulas presenciais não foram retomadas e seguem sem previsão de retorno.

Esse episódio contou com o maior número de entrevistados, pois haviam perguntas diferentes para cada grupo etário. As crianças mais novas entendem o porquê de não ir para a escola ou a gravidade da pandemia? Os adolescentes estão realmente aprendendo? Como aprender sem internet? As sucessivas mudanças na data do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), principal porta de entrada para a universidade, impactou a rotina de estudos?

Logo no início do episódio, inseri “Aquarela”, de Toquinho, composta por ele, Vinícius de Moraes, Maurizio Fabrizio e Guido Morra. Ao fim, a música escolhida foi “Another Brick in the Wall”, de Pink Floyd.

Todas as crianças tiveram as entrevistas autorizadas pelos pais. Além disso, elas permitiram serem gravadas, embora durante as perguntas algumas se mostrassem sem vontade de responder.

3.4.1 - Maria Baylão, quatro anos

A pequena Maria Baylão, de quatro anos, já me recebeu perguntando, com a mão na cintura: “Tia Bia, quais são as perguntas?”. Havia combinado a entrevista com a mãe dela, Marina Santa Inês, a quem pedi permissão anteriormente. A entrevista foi curta, de apenas três minutos, pois a criança estava ansiosa para voltar a brincar e perdeu o interesse nas perguntas.

A menina entrou na escola cedo, antes de completar dois anos, quando se acostumou a ir ao espaço físico do colégio para brincar com os coleguinhas. Em 2021, Maria começaria a ser alfabetizada, algo que se tornou muito difícil com a suspensão das aulas. Ela entendia que não poderia ir para as aulas por causa do coronavírus, mas não compreendia o porquê de ter que usar máscara ou álcool gel - os cuidados pareciam algo decorado, após ouvir diversas vezes. Maria estuda no Centro Educacional Alternativo, escola particular no centro de Mutuípe.

3.4.2 - Laura Ramos, oito anos

Com oito anos e cursando o 3º ano, antiga 2ª série, Laura Ramos entendia melhor o porquê de não ir para a escola e ter que cumprir as medidas de restrição. O que ela e os colegas não pareciam entender direito era a dinâmica da aula online.

A turma estava aprendendo a usar o computador e por isso, eram frequentes interrupções por alguém abrir uma aba errada, fechar a conversa ou esquecer como acionar o microfone. Laura foi auxiliada pela irmã mais velha, mas alguns de seus colegas não tiveram essa ajuda, pois os pais não conheciam ferramentas como Zoom e Google Classroom, o que dificultava o andamento da aula.

Laura estuda na Escola Casinha Feliz, colégio particular da zona urbana de Mutuípe, e é orientada pelos pais e professores a assistir todas as aulas com a câmera do computador aberta.

3.4.3 - Júlia Ramos, 12 anos

A entrevista de Júlia Ramos, de 12 anos, mostrou que os estudantes sempre arrumam uma forma de burlar as regras. Aluna do 8º ano, antiga 7ª série, a pré-adolescente revelou como os alunos “pescam” na prova (embora ela não faça isso, como ressaltou diversas vezes) e usam sites que, por exemplo, que reescrevem o que foi encontrado na internet em outras palavras - uma tática para

procurar a resposta no Google sem que a professora encontre ao pesquisar as mesmas palavras.

A estudante também revelou que, no começo das aulas online, sofreu com crises de ansiedade, preocupada em não estar aprendendo o assunto - e que esse sentimento também foi vivido por seus amigos. Além disso, de acordo com Julia, os professores não estavam acostumados ao modelo remoto e solicitavam muitas atividades com prazos curtos, na tentativa de ocupar todo o tempo livre e garantir a aprendizagem do conteúdo.

Para a série de Júlia, a coordenadora do Colégio Pingo de Gente, escola particular de Mutuípe, pedia encarecidamente que os alunos ligassem a câmera em todas as aulas, mas ela confessou obedecer apenas por alguns dias, até os pais esquecerem o pedido. O ciclo se repetia no mês seguinte, quando a orientação era reforçada.

3.4.4 - Leandra Marinho, 13 anos

Moradora da zona rural de Mutuípe, Leandra Marinho, de 13 anos, não tem computador ou celular. Em ocasiões importantes, ela pede emprestado o aparelho do pai e só consegue conexão pelo wi-fi na casa de uma vizinha, mas como o genitor precisa do aparelho diariamente, a estudante não tem como assistir às aulas.

Aluna da rede estadual de ensino, a adolescente recebe o kit escolar, composto de uma cesta básica e atividades escolares. Quando perguntei sobre os itens do kit, na intenção de que falasse sobre as atividades, Leandra enumerou os alimentos: “um pacote de arroz, soja, macarrão e só”, respondeu. A aluna contou que sempre responde às atividades do kit, que são entregues a um professor, mas não são corrigidas ou devolvidas - ela apenas recebeu a notícia, em dezembro, de que ela e toda a turma foram aprovadas.

3.4.5 - Maria Fernanda Neri, 15 anos

Como Maria Fernanda Neri estava em Salvador e eu em Mutuípe, a entrevista ocorreu pelo telefone. Encontramos, inclusive, diversos problemas de conexão, visto que eu estava no interior, onde a rede móvel é de baixa qualidade. Com 15 anos

recém completados no fim de março de 2021, poucos dias antes da entrevista, ela cursa o primeiro ano do ensino médio. Ela estuda no Colégio Bernoulli, em Salvador.

A saída do ensino fundamental fez com que a entrevistada trocasse também de escola e, mesmo depois de três meses de aula, não viu a maioria de seus colegas nem pela tela do computador. De alguns ela ouviu a voz, durante a aula online, enquanto de outros, mais tímidos, nem isso foi possível. Maria Fernanda acredita que teve sorte ao ser matriculada em uma turma com alunos do colégio anterior, pois é tímida e não saberia como fazer trabalhos em grupo com colegas desconhecidos.

3.4.6 - Maria Fernanda Assunção, 17 anos

Maria Fernanda Assunção terminou o ensino médio em 2020 e se preparou para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), embora confessasse estar insegura sobre o conteúdo estudado no ano. Aos 17 anos, ela pretende cursar medicina e tinha crises de ansiedade todas as vezes que surgiam hipóteses de adiamento da data do exame.

A jovem ficou feliz com a mudança para janeiro de 2021, ainda que, na prática, para ela, não tenha feito diferença significativa. Tanto Maria Fernanda quanto a maioria dos estudantes que responderam uma enquete feita pelo Ministério da Educação pediram que o exame fosse adiado para maio, mas o governo anunciou a opção menos votada.

Em uma declaração que não entrou na edição final, a estudante disse que as três turmas do terceiro ano do Colégio Santo Antônio, onde estudava, resultando em 80 alunos para cada aula - o que a inibia de fazer perguntas. A vestibulanda relatou que nenhum dos colegas abria a câmera nas aulas, apenas em ocasiões específicas solicitadas pelo professor, com medo de que fossem feitos memes com suas expressões.

3.5 - Episódio 4 - Saúde é o que interessa, o resto não tem pressa

O assunto deste episódio é uma a solidão dos profissionais da área de saúde que trabalham na linha de frente da COVID-19. Como o tema do podcast é o

isolamento, abordei a decisão de se isolar por conta do receio em levar o coronavírus para casa e infectar a família.

A ideia inicial era manter o mínimo de três entrevistados por episódio, mas o risco de encontrar pessoalmente com alguém da linha de frente do combate à COVID-19, somada à distância física entre mim e as fontes deste episódio, todas residentes de Salvador, resultaram em entrevistas por telefone.

Por ser o quarto episódio lançado, já havia recebido feedback dos dois anteriores sobre o uso da captação do áudio de entrevistas pelo telefone, que tornaram algumas falas inaudíveis por causa do volume baixo do aparelho. Assim, acabei decidindo manter apenas Jucélia Almeida, farmacêutica, cuja entrevista havia sido presencial, e Karina Grimaldi, enfermeira, por conta da força do relato.

Usei as músicas “No dia em que eu saí de casa”, composta por Joel Marques e famosa na voz de Zezé di Camargo e Luciano; “Fico Assim sem Você”, composta por Abdullah e Cacá Moraes e interpretada por Adriana Calcanhotto; e “Me Conta da Tua Janela”, de autoria de Ana Caetano e cantada por ela no duo AnaVitória.

3.5.1 - Jucélia Almeida, 29 anos, farmacêutica; e Amanda Almeida, 21 anos, estudante de odontologia

Jucélia Almeida é farmacêutica e trabalha em uma loja da rede Drogasil localizada no bairro da Pituba, em Salvador. Como ela disse, antes da gravação, “Se você não está sangrando demais para ir para emergência, a farmácia é o primeiro lugar onde você vai quando acha que está doente. E se você está sangrando, a farmácia é o segundo, assim que sair do hospital”.

Assim, os pacientes com qualquer sinal de síndrome gripal ou respiratória eram atendidos por farmacêuticos. Jucélia contou que era frequente a prescrição de medicamentos não comprovados, como hidroxicloroquina e ivermectina, o que levava os profissionais a deduzirem que se tratava de um caso de suspeita de infecção pelo novo coronavírus.

Por esses motivos, Jucélia resolveu pedir à irmã, Amanda Almeida, que morava com ela saísse da capital que se isolasse com o pai na cidade de Presidente Tancredo Neves, a 251 km de Salvador. Os dois estavam no grupo de risco: Amanda teve leucemia há menos de cinco anos e o pai, viúvo, tem 61 anos e foi acometido

por tuberculose anos antes, o que resultou na perda de algumas funções pulmonares.

A entrevista foi marcada em ocasião da minha visita a Salvador e usamos máscaras. Amanda veio à capital passar duas semanas, por conta de questões estudantis, mas assim que teve a confirmação de que o ensino da faculdade continuaria à distância, retornou ao isolamento no interior. Ela confessou estar triste ao deixar Jucélia sozinha novamente na segunda onda.

3.5.2 - Karina Grimaldi, 33 anos, enfermeira; e Iasmin Grimaldi, cinco anos

Karina Grimaldi trabalha no Hospital Geral do Estado (HGE) e no Hospital Octávio Mangabeira, ambos em Salvador, e é mãe de duas filhas, Bianca, de 17 anos, e Iasmin, de cinco. Além de trabalhar diretamente com pacientes infectados, ela teve que lidar com a saúde da filha mais velha, que tem asma grave, e foi levada à casa dos avós, que são idosos, para se isolarem dela.

A situação ficou ainda mais difícil pelo fato de que a adolescente está passando pelo período de estudos para o enem. A mãe de Karina tem diagnóstico de Alzheimer, cujo principal sintoma é o esquecimento, fazendo com que a avó por vezes afirmasse que a enfermeira estava morta e, por isso, Bianca morava com a idosa. O pai de Karina padecia de uma série de doenças, não informadas por ela, e acabou falecendo em 5 de maio de 2021, por conta da COVID-19, pouco mais de uma semana após a publicação do último episódio.

Karina teve a companhia de Iasmin “Harley Quinn”, nome indicado pela criança em referência a uma personagem dos quadrinhos. Pedi para falar com a criança ao fim da entrevista, para saber se entendia a razão da irmã, a quem chamou de Bianca “Batgirl”, não estar morando com a família. Com voz triste, Iasmin respondeu: “coronavírus”.

A enfermeira contraiu o vírus no final do ano e lidou com um novo isolamento, dessa vez distante do marido e da filha mais nova. Três meses após ser considerada curada, em março de 2021, ela contou que sofria com sequelas da doença, principalmente dores no corpo.

3.6 - Episódio 5 - No meu tempo é que era bom

Assim que o primeiro paciente foi confirmado no Brasil, surgiu uma preocupação maior em relação aos idosos, que seriam aqueles mais atingidos pela COVID-19. Na época, a tese era que os jovens só contraíam de formas leves, enquanto a população com mais 60 anos tinham sintomas mais fortes e maior risco de morrer.

As perguntas questionavam a mudança na rotina por conta do isolamento, visto que essas pessoas estavam acostumadas a serem responsáveis por suas rotinas e passaram a viver presos, dependendo de outras pessoas até para comprarem mantimentos.

A ideia de perguntar aos entrevistados qual a primeira coisa que fariam, caso o coronavírus sumisse surgiu de uma conversa com minha avó, quando ela disse que a pandemia estava demorando tanto que desistiu de fazer uma lista das coisas das quais sentia falta.

Optei por usar, nesse episódio, músicas antigas, que dialogassem aos entrevistados. Usei “Felicidade Foi-se Embora”, composta por Lupicínio Rodrigues e cantada por Caetano Veloso; “Emoções”, cantada e composta por Roberto Carlos, em companhia de Erasmo Carlos; e “Preciso me Encontrar”, na voz do compositor Cartola.

3.6.1 - Lucidalva Teixeira, 73 anos, psicóloga aposentada

Conheci Lucidalva Teixeira por intermédio da minha irmã, que me mostrou uma foto da idosa com os cabelos pintados de rosa. Ao adicionar a entrevistada no Whatsapp, vi que já tinha mudado o estilo: seu cabelo estava cor azul-celeste.

Como trabalhou anos sendo psicóloga, ela me apresentou seu projeto de atender pessoas carentes gratuitamente durante a pandemia - nas palavras dela, cuidar do outro fez com que ela transcendesse e saísse de si. A conversa aconteceu por ligação, que foi gravada, e o áudio necessitou de diversos tratamentos para ser ouvido de forma satisfatória.

Outros trechos, como quando a idosa contou da solidão de não estar com seus oito filhos, noras e onze netos, acabaram sendo retiradas na edição pela baixa qualidade da gravação.

A primeira coisa citada pela entrevistada para fazer quando a pandemia do novo coronavírus acabar foi incomum: ela queria voar para outro lugar. Lucidalva

completou que não queria conhecer lugares novos, apenas visitar lugares antigos, pois estava com saudade de tudo.

3.6.2 - José Ramos, 75 anos, empresário aposentado, e Isabel Ramos, 74 anos, dona de casa

A entrevista com o casal de aposentados José e Isabel Ramos foi feita com uma grade nos separando, pois essa é a forma dos aposentados receberem visita desde a pandemia. Como medida de proteção, além do impedimento físico de aproximação, todos usamos máscara de proteção.

A princípio, Isabel disse que sentia vergonha de ser entrevistada, mas assim que acabei a conversa com José Ramos, ela reclamou que ele havia esquecido pontos importantes e decidi falar comigo. Os dois citaram o ato corriqueiro de ir à feira livre ou ao supermercado como algo de que sentem muita falta.

José Ramos já foi vereador da cidade de Mutuípe e é conhecido no município por ser uma pessoa muito simpática, que cumprimenta a todos com um aperto de mão. Iniciei a entrevista perguntando se sentia falta deste contato e ele respondeu com saudosismo. “Nunca mais peguei na mão de ninguém, mas de longe a gente se comunica”, amenizou.

Sobre a vida pós-corona, José indicou como primeiro ato uma comemoração: compraria uma dúzia de foguetes e soltaria pela cidade.

3.6.3 - Osvaldo Melo, 67 anos, fazendeiro aposentado

A entrevista com Osvaldo Melo começou com um pouco de receio da parte dele. Por mais que eu perguntasse como era sua experiência de estar no grupo de risco, por ser idoso, ele se esquivava e respondia apenas que todos poderiam morrer ao ser infectado pelo coronavírus, sendo ou não do grupo de risco,.

Ele contou que, todas as semanas, dormia pelo menos três dias seguidos em uma propriedade que tem na zona rural de Mutuípe os outros quatro na área urbana. Com o isolamento, passou a viver apenas na cidade, em companhia da esposa e de um dos filhos, decidindo as questões da fazenda apenas pelo telefone - há mais de um ano ele não visita a propriedade.

Oswaldo ressaltou, em diversos pontos, sua questão com a religião e como o catolicismo o ajuda a superar a ansiedade do período. Tanto que, ao ser questionado sobre a primeira coisa que faria ao fim da pandemia, ele informou que agradecería a Deus por ter sobrevivido.

3.7 - Episódio 6 - Adeus

Por ser o último episódio da série, o tema foi a morte. Embora fosse o final, foi o primeiro a ficar inteiramente pronto - o roteiro deste me veio ainda na pré-produção do projeto.

Durante a gravação, o Brasil superou a marca de 200 mil mortes pela doença e, como os cientistas já previam que esse número aumentaria, falei que estávamos perto das 300 mil mortes. Quando o episódio foi lançado, no dia 24 de abril de 2021, o número de mortes no país era maior que 386 mil.

Embora a ideia inicial fosse conversar com parentes de vítimas, questões éticas me levaram a utilizar o Memorial Inumeráveis, site gratuito que coleta histórias de mortos em decorrência da COVID-19. Entrevistar familiares reais implicava em fazer perguntas a respeito do momento da infecção, o que poderia provocar algum sentimento desagradável, como a culpa por não terem cumprido os cuidados com o isolamento. Conheci pessoas que perderam parentes e amigos e se arrependiam de não terem realizado um cuidado maior ao saírem de casa ou de terem buscado atendimento tardiamente.

Escolhi usar os relatos do Memorial Inumeráveis lidos por minha família, que não tinha ligação com as vítimas em questão. Em ordem de aparição, as vozes são do meu pai, Adailton Bulhões, lendo a história de Maria do Socorro de Sousa Carvalho; minha amiga, Ianka Ramos, narrando o texto dedicado a Carlo Camilo da Silva; meu padrinho, Roberto Bulhões, falando sobre a vida de Ana Luísa Sales Bernardino; e minha irmã, Camila Bulhões, contando as memórias de Florisano Xavier Pereira.

O episódio apresenta trechos maiores de “Girassol”, composta e cantada por Priscila Alcântara e Whinderson Nunes; e “Onde Deus Possa me Ouvir”, composta e cantada na voz de Vander Lee. Há ainda trechos de “Epitáfio”, composta por Sérgio Brito e cantada pelo grupo Titãs; “Gostava Tanto de Você”, escrita e interpretada por Tim Maia; e “Paciência”, composta e cantada por Lenine.

3.8 - Pós produção

Bem antes de pensar em criar um podcast, ouvi “Praia dos Ossos”, produzida pela Rádio Novelo², por indicação da minha orientadora Malu Fontes. Me interessei pelo formato e pelo roteiro, mas também fui atraída pela programação visual utilizada nas redes sociais, especialmente no Instagram: em @radionovelo estão fotos dos entrevistados, dados da história e vídeos antigos que complementam a experiência do podcast.

Logo depois da definição da estrutura do PodSair?, decidi que também usaria uma outra plataforma para veicular as fotos, dados e vídeos que agregassem o conteúdo. Assim surgiu o perfil no Instagram @ouca.podsair - tentativas foram feitas para um nome que não necessitasse cedilha, símbolo que não existe em diversos países e não pode ser usado em perfis e sites, mas como “air pods” é um fone de ouvido bluetooth patenteado pela Apple, diversas lojas adotavam o contrário (pods air) para anunciar a venda de um produto similar.

Apesar de ter algumas noções de design, solicitei ajuda a Vivian Alecy, amiga e profissional, que aperfeiçoou minhas ideias. A primeira reunião que tivemos foi no dia 3 de março de 2021, com a postagem inicial realizada no dia 20 de março, data da publicação do episódio número um.

Alguns dos pontos importantes que apontei para ela foram a inspiração no instagram da Rádio Novelo, que separa o conteúdo a depender da sua postagem. Cada episódio tem ao menos seis arquivos relacionados, pois a plataforma mostra os conteúdos ou separadamente ou em uma grade de três, formando linhas horizontais. Assim, o episódio dispunha de duas linhas, além das três colunas, possibilitando o uso de imagens que se complementam quando vistas diretamente no perfil. No caso do @ouca.podsair, foi utilizada apenas uma linha horizontal (três fotos) para cada episódio, alternando espaços vazios, para que a criação final se assemelhasse a uma vitrine convidativa.

O primeiro trio de postagens acabou ficando pronto por volta de 23h do dia 20 de março, um sábado. Como o produto é semanal, este dia da semana foi escolhido para dia de publicação dos episódios e divulgação nas redes sociais.

² Produtora de podcast ligada à revista Piauí

Como dito anteriormente, pré-produção, produção e pós-produção aconteceram ao mesmo tempo, então a estrutura do feed foi montada antes de ter roteiro definido para cada episódio. A cada entrevista, fotos e vídeos eram solicitados para posterior uso nas redes sociais.

Assim que escrevi o roteiro do primeiro episódio, tive ainda mais certeza da necessidade de um projeto visual, tendo em vista o uso dos números da PNAD COVID-19 e a dificuldade em visualizar as quantias, todas na casa dos milhões, além de suas relações em porcentagens e ao passar dos anos, sem um gráfico para ilustrar. Com dificuldade, encontramos uma forma de trazer o gráfico com todos os elementos sem quebrar a estética.

Outra questão foi a dificuldade das fontes enviarem as fotos. Por exemplo, não consegui usar uma foto de Maria Fernanda Neri de farda, visto que ela havia mudado de escola e não chegou a comprar a roupa. Também não pude utilizar uma foto de Osvaldo Melo, que não gostava de tirar fotografias.

Em todas as postagens, tentei utilizar legendas criativas e marcar os entrevistados do episódio, para que eles divulgassem os projetos em suas próprias redes, aumentando o alcance. No lugar destinado à localização, fiz algumas brincadeiras, marcando “Spotify”, por exemplo.

Destaco, ainda na pós-produção, a distribuição do podcast em diversas plataformas. Desde o começo, procurei encontrar uma forma de disponibilizar o PodSair? no Spotify, por se tratar da plataforma na qual eu ouço podcasts, e no SoundCloud, para disponibilizar para amigos e parentes que não possuíam o aplicativo instalado. Após enteirar-me sobre as plataformas disponíveis, o resultado final pode ser ouvido também no Google Podcasts, na Radio Public, no Pocket Cast, no Breaker e no Anchor.fm.

4. ORÇAMENTO

ITEM	PREÇO
Microfone	R\$ 50,00

Cards para redes sociais	R\$ 200,00
TOTAL	R\$ 250,00

5. TRAJETÓRIA PESSOAL

5.1 Decisão

Como disse anteriormente, a ideia de fazer o podcast não foi minha primeira opção. Desde o meu anteprojeto, passando pelos primeiros esboços do Trabalho de Conclusão de Curso, tinha em mente outro tema e outro formato. Foram quase dois anos de trabalho que tiveram de ser interrompidos.

No dia 4 de fevereiro de 2021, decidi abandonar o projeto anterior - sem nenhuma perspectiva do que fazer. Fui acometida por crises de ansiedade e pelo medo de adiar a formação por mais seis meses, pois não haveria Trabalho de conclusão de Curso a ser apresentado. Das poucas certezas que tinha, uma é de que faria um produto: não me agradava a ideia de fazer uma monografia à qual poucas pessoas teriam acesso ou interesse em ler.

Minha orientadora, Malu Fontes, que nesse período também prestou uma espécie de auxílio psicológico para mim, sugeriu que eu fizesse um podcast. Ela enfatizou o alcance deste formato, por ser gratuito, online e atemporal, além de estar em crescimento no Brasil e possuir opções de monetização. Mesmo assim, apesar de sempre ter sido fã de rádio, estava pouco familiarizada com o podcast e temia que o tempo não fosse suficiente para criar algo satisfatório, com entrevistas e participações. Além disso, centenas de temas passavam pela minha cabeça.

O PodSair? foi definido no dia 22 de fevereiro de 2021, durante uma visita a um casal de amigos. Eles haviam acabado de descobrir que estavam grávidos e comentamos sobre como seria nascer no meio de uma pandemia - o que acabou virando tema para o segundo episódio, ainda que eles não tenham sido entrevistados. Na conversa, o tópico principal foi a dificuldade de conversar com outras pessoas durante a pandemia, falar de coisas triviais sem se sentir culpado pelas mortes ou poder reclamar das mudanças que aconteceram nas nossas vidas sem ouvir que existem pessoas em uma situação pior. Aqui, defini que se trataria de

um podcast e que qualquer assunto que eu abordasse teria a pandemia como pano de fundo.

Ao chegar em casa, tracei um documento ao qual dei o nome de Roteiro Base, identificando alguns dos temas dos quais queria falar. Também solicitei que a maioria dos meus contatos da agenda do celular compartilhassem as mudanças na rotina pela qual passaram para se adaptar a pandemia - como o tema afetava a todas as pessoas, surgiram diversas histórias curiosas. Aos poucos, fui juntando nomes e, quanto mais o projeto ganhava forma, mais me apaixonava pela ideia.

Com o tempo curto, tive a sugestão de fazer apenas um episódio, longo, que serviria de piloto, porém, a felicidade de ouvir o podcast pronto e receber os feedbacks de pessoas que gostaram do trabalho me deram força para ir além. Ao final, são seis episódios publicados e ao menos quatro roteiros guardados para uma possível segunda temporada.

5.2 Dificuldades

O prazo de entrega para o trabalho se mostrou a maior dificuldade. Todas as entrevistas foram feitas até o dia 31 de março de 2021 e o episódio final foi publicado no dia 23 de abril. Considerando 22 de fevereiro, quando tive a ideia, como dia 0, foram exatos 60 dias para produção de seis episódios, com 14 entrevistas no total, incluindo ainda a pré-produção e a pós-produção.

O próprio cenário da pandemia, que piorava, também exerceu grande influência. Enquanto eu ficava em casa editando os áudios e escrevendo esse memorial, o Brasil batia recorde tanto de números de casos quanto de mortes pela COVID-19 em 24 horas. Por conta disso, medidas de restrição como toque de recolher e fechamento do comércio não-essencial dificultavam a realização das entrevistas, como já mencionado antes. Também havia a preocupação de que, por descuido, eu me infectasse ou acabasse infectando algum dos entrevistados que estavam isolados. O medo relatado em cada episódio também era sentido por mim, em relação aos meus parentes e familiares.

Além do prazo curto, continuei estagiando todas as tarde, entre 13h e 18h, além de dar plantões ao menos dois dias do final de semana por mês. Após enfrentar um turno inteiro noticiando óbitos por COVID-19, em alguns dias foi preciso espairecer antes de falar novamente sobre o assunto. Como ficava em frente ao computador cinco horas por dia, ao começar a edição e a escrita deste documento,

passei a usar óculos de descanso na tentativa de evitar possíveis riscos à minha visão e as dores de cabeça, que me acometeram quase todos os dias.

Outra adversidade a qual tive que me adaptar foi a captação do som, sem um microfone profissional ou um estúdio onde pudessem ser realizadas as entrevistas sem interrupções. Achei que, por estar em uma cidade pequena, seria mais fácil gravar por ter menos barulho de carros e motos, porém, os sons de animais, principalmente de pássaros, foram determinantes para que as gravações ocorressem apenas à noite, frequentemente depois das 22 horas. Nas entrevistas presenciais, nas quais mantive a distância de 1,5 metro dos entrevistados, a captação do áudio ficava comprometida caso o entrevistado falasse baixo. Por causa do risco da contaminação do coronavírus, essas conversas aconteciam em varandas, ao ar livre, embora isso implicasse em mais barulho.

No interior, as redes de telefonia e internet são instáveis. Nas entrevistas por telefone, principalmente a de Maria Fernanda Neri e de Karina Grimaldi, a entrevista foi feita em diversas chamadas, pois a ligação sempre caía. Com a rede instável, o sistema 3G também não tinha um funcionamento contínuo e a rede de internet da cidade fosse precária em relação à da capital.

Outra questão que eu revisitava a cada episódio era o de como transformar as entrevistas feitas pelo telefone em um produto digno e profissional. Por conta do pouco tempo, não tive como fazer uma oficina ou algum curso de edição de áudio, por isso usei apenas minhas experiências anteriores não profissionais, que se resumiam a editar pot-pourri para as gincanas do colégio, e tutoriais básicos disponíveis em video aulas no Youtube.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o dia 25 de abril de 2021, o primeiro e o segundo episódios foram os mais ouvidos no Spotify, com 21 reproduções cada. Como dito anteriormente, a primeira publicação foi no dia 20 de março de 2021 e o próximo foi colocado no ar exatamente uma semana depois, no dia 27. O terceiro, disponibilizado no dia 3 de abril, teve 17 reproduções, enquanto o quarto episódio, do dia 10, contou com dez. Por fim, o quinto, publicado no dia 17, e o sexto, dia 24, um dia antes do levantamento destes dados, apresentaram seis reproduções cada.

Essa plataforma foi utilizada por 82% dos ouvintes, que tinham à disposição outros seis agregadores online gratuitos: Google Podcast, SoundCloud, Breaker, Pocket Cast, Anchor e Radio Public.

Dados da plataforma Anchor.fm, que reúne informações de todos os outros sites, exceto o Soundcloud, apontam que 93% dos ouvintes são brasileiros, 6% são americanos e 1% não se identificou. As mulheres formaram a maior parte da audiência (83%), com 16% identificados como homens e 1% preferiu não responder³.

Em relação à faixa etária, o público foi identificado da seguinte forma: 4% entre 18 e 22 anos, 65% entre 23 e 27 anos, 16% entre 28 e 34 anos, 3% entre 35 e 44 anos, 10% entre 45 e 59 anos e 1% com 60 ou mais.

Na mesma data, o perfil @ouca.podsair, no Instagram, tinha 55 seguidores, a maioria deles amigos e familiares. Não foi utilizada nenhuma técnica de publicidade, como patrocínio de divulgação, em nenhuma das 21 publicações.

Iniciei este memorial falando do desespero e gostaria de finalizá-lo com o sentimento de dever cumprido. Por mais que o tempo fosse curto ou que a pandemia me desestabilizasse, eu pretendia fazer um trabalho que fosse digno e relevante, além de um produto do qual tivesse orgulho de mostrar às pessoas - e isto acredito ter conseguido.

Reitero o objetivo inicial de abordar o cotidiano das pessoas durante a pandemia de maneira leve, em forma de histórias de vida, sem desrespeitar a memória dos mortos pela COVID-19. Esse era o objetivo principal, publicizar as experiências das pessoas em suas rotinas na pandemia, usando um tom divertido, sem esquecer a gravidade do problema.

7. REFERÊNCIAS

Ana Luiza Sales Bernardino. **Inumeráveis**, 2020. Disponível em <<https://inumeraveis.com.br/ana-luiza-sales-bernardino/>>; acesso em 16 de março de 2021.

³ Esses dados também foram compilados no dia 25 de abril.

ASSIS, Pablo de; LUIZ, Lúcio. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM**, Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>>; acesso em 28 de abril de 2021.

Bahia confirma primeiro caso importado do Novo Coronavírus (Covid-19). **Secretaria de Saúde da Bahia - SESAB**, 2020. 06 de março de 2020. Disponível em <<http://www.saude.ba.gov.br/2020/03/06/bahia-confirma-primeiro-caso-importado-do-novo-coronavirus-covid-19>> acesso em 04 de março de 2021.

BARBOSA, Mariana. Audiência de podcasts no Brasil registra aumento de 33% em ano de pandemia. **O Globo**, 2021. 21 de fevereiro de 2021. Disponível em <<https://blogs.oglobo.globo.com/capital/post/audiencia-de-podcast-cresce-33-em-ano-de-pandemia.html>>; acesso em 26 de abril de 2021.

Cardi B - Corona Vairus Remix Brega funk (Reup) vírus meme por Suzie Sarah Glock. **Youtube**, [s.d.]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z8O-qmQp_70&ab_channel=SuzieSarahGlock> ; acesso em 07 de março de 2021.

Carmo Camilo da Silva. **Inumeráveis**, 2020. Disponível em <<https://inumeraveis.com.br/carmo-camilo-da-silva/>>; acesso em 16 de março de 2021.

Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença. Ministério da Saúde, UNA-SUS, 2020. 27 de fev. de 2020. Disponível em <<https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>> acesso em 04 de março de 2021.

Covid-19 (Novo Coronavírus). **Secretaria de Saúde da Bahia - SESAB** [s.d.] Disponível em <<http://www.saude.ba.gov.br/temasdesaude/coronavirus/>> acesso em 28 de abril de 2021.

COVID-19 Map - Johns Hopkins Coronavirus Resource Center. **John Hopkins University**, 2020. Disponível em <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>> acesso em 28 de abril de 2021.

FLORES, Tabata Cristina Pires. A Nova Mídia Podcast: um estudo de caso do programa Matando Robôs Gigantes. **Escola de comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro**, 2014. Disponível em

<<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4379/1/TFlores.pdf>>; acesso em 28 de abril de 2021.

Florisano Xavier Pereira. **Inumeráveis**, 2020. Disponível em <<https://inumeraveis.com.br/florisano-xavier-pereira/>>; acesso em 16 de março de 2021.

Governo do Estado determina suspensão das aulas por 30 dias e outras medidas. **Secretaria de Saúde da Bahia- SESAB**, 2020. 16 de março de 2020. Disponível em <<http://www.saude.ba.gov.br/2020/03/16/governo-do-estado-determina-suspensao-das-aulas-por-30-dias-e-outras-medidas/>> acesso em 04 de março de 2021.

Linha do tempo do Coronavírus no Brasil. **Sanar Saúde**; [s.d.]. Disponível em <<https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>> acesso em 04 de março de 2021.

Maria do Socorro de Souza Carvalho. **Inumeráveis**, 2020. Disponível em <<https://inumeraveis.com.br/maria-do-socorro-de-souza-carvalho/>>; acesso em 16 de março de 2021.

Memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil. **Inumeráveis**, 2020. Disponível em <<https://inumeraveis.com.br/>>; acesso em 16 de março de 2021.

Mundo ultrapassa a marca de 1 milhão de mortos por Covid-19, diz universidade. **G1**, 2020. 28 de setembro de 2020. Disponível em <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/09/28/mundo-ultrapassa-a-marca-de-1-milhao-de-mortos-por-covid-19-diz-universidade.ghtml>> acesso em 04 de março de 2021.

O que é um podcast. **Associação Brasileira de Podcasters - ABPOD**, 2019. 5 de abril de 2019. Disponível em <<https://abpod.org/2019/04/05/o-que-e-podcast/>>; acesso em 28 de abril de 2021.

Painel Coronavírus. **Ministério da Saúde**, 2020. Disponível em <<https://covid.saude.gov.br/>>; acesso em 28 de abril de 2021.

PNAD COVID19: 22,4% das pessoas que realizaram testes para coronavírus até outubro testaram positivo. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2020. 01 de dez. de 2020. Disponível em (<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-no>

[ticias/releases/29539-pnad-covid19-22-4-das-pessoas-que-realizaram-testes-para-coronavirus-ate-outubro-testaram-positivo](#)>; acesso em 17 de março de 2021.

PNAD COVID19: 22,7% das pessoas que realizaram testes para coronavírus até novembro testaram positivo. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2020. 23 de dez. de 2020. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29770-pnad-covid19-22-7-das-pessoas-que-realizaram-testes-para-coronavirus-ate-novembro-testaram-positivo>>; acesso em 17 de março de 2021.

PNAD COVID19: 22,1% das pessoas que realizaram testes para coronavírus até setembro testaram positivo. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2020. 23 de out. de 2020. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29240-pnad-covid19-22-1-das-pessoas-que-realizaram-testes-para-coronavirus-ate-setembro-testaram-positivo>>; acesso em 17 de março de 2021.

PNAD COVID19: 21,6% das pessoas que realizaram testes para coronavírus até agosto testaram positivo. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2020. 23 de set. de 2020. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28936-pnad-covid19-21-6-das-pessoas-que-realizaram-testes-para-coronavirus-ate-agosto-testaram-positivo>>; acesso em 17 de março de 2021.

PRADO, Jean. Como remover o ruído de um áudio pelo Audacity. **Tecnoblog**, 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rY3xxBR43S0&ab_channel=maiconlivi>; acesso em 29 de março de 2021.

Primeira morte por coronavírus no Brasil aconteceu em 12 de março, diz Ministério da Saúde. **G1**, 2020. 27 de jun. de 2020. Disponível em <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/27/primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco-diz-ministerio-da-saude.ghtml>>; acesso em 04 de março de 2021.

Primeiro caso de covid-19 no Brasil completa um ano. **Agência Brasil de Comunicação**; 2021. 26 de fev. de 2021. Disponível em <

Preciso sair - AtilaKw Remix (Nazaré Tedesco). **Youtube**, [s.d.]. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=xJ1E1J0QFhI&ab_channel=AtilaKw>; acesso em 07 de março de 2021.

Rádio Novelo, Instagram, [s.d.]. Disponível em <https://www.instagram.com/radionovelo/>>; acesso em 3 de março de 2021.

SANTOS, Silvio. PEIXINHO, Ana. A redescoberta do storytelling: o sucesso dos podcasts não ficcionais como reflexo da viragem. **Estudos em Comunicação**, n. 29, p. 147-158. 2019. dez. 2019. Disponível em: <http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/ec/article/view/555/pdf>> acesso em 28 de abril de 2021.

Salvador registra primeira morte por coronavírus na Bahia. **Correio da Bahia**, 2020. 29 de março de 2020. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-registra-primeira-morte-por-coronavirus-na-bahia/>> acesso em 04 de março de 2021.

TELES, Levy; LEÃO, Luiza. Paulicéia Baiana - Podcast sobre a migração Rio-São Paulo. **Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia**, 2021.

TELES, Levy. Estúdios surfam com alta de podcasts no mercado. **O Estado de S. Paulo**, 2020. 26 fev. 2020. Disponível em: <https://pme.estadao.com.br/noticias/geral.estudios-surfam-com-alta-de-podcasts-no-mercado.70003208850>> Acesso em 27 fev. 2020